

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA PARA O APRENDIZADO DAS CRIANÇAS

Adriana de Souza Viana¹

Ieda Galvão²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo refletir criticamente acerca da relação entre família e escola, e como este reflete no aprendizado das crianças, apontando ainda a importância deste ele na formação de futuros cidadãos, de como estes se organizam na educação destas crianças perante o mundo contemporâneo e globalizado. Para compreendermos a importância da família para a Educação, é necessário analisar as transformações ocorridas na concepção de infância e Educação ao longo do tempo, assim como os aspectos históricos sobre a concepção de família. A Educação nem sempre foi reconhecida como é nos dias atuais, e a família também sofreu grandes mudanças em sua estrutura e organização. Por meio dos resultados obtidos, é possível concluir que a criança que não recebe atenção, apoio, afetividade, orientação e acompanhamento da família durante a importante etapa da educação infantil, não se desenvolve plenamente enquanto criança e ainda desencadeia conflitos futuros, enquanto adulto.

Palavras-chave: Família. Escola. Aprendizagem infantil.

ABSTRACT

The present study aims at a critical reflection on the relationship between family and school for student learning, showing its importance in the formation of future citizens, how they organize themselves in the education of these children in the current and globalized world and the importance of affectivity in education. In order to understand the importance of the family for Education, it is necessary to analyze the changes that have taken place in the conception of childhood and Education over time, as well as the historical aspects of the conception of family. Education has not always been recognized as it is today, and the family has also undergone major changes in its structure and organization. Through the results obtained, it is possible to conclude that the child who does not receive attention, support, affection, guidance and follow-up from the family during the important stage of early childhood education, does not fully develop as a child and still triggers future conflicts as an adult.

Keywords: Family. School. Child learning.

¹ Rede de Ensino Doctum – Unidade Vitória – adrianaViana301@gmail.com – graduando em Licenciatura em Pedagogia

² Rede de Ensino Doctum – Unidade Vitória – iedagalvao@doctum.edu.br (orientador do trabalho)

1. Introdução

A interação família-escola tem sido objeto de muitas pesquisas, sendo enfatizado como uma das metas para a educação. Pesquisas e estudos recentes têm sido desenvolvidos nessa direção, demonstrando os benefícios de tais parcerias para a escola e para a família. Não obstante, antes da criança ingressar na escolar, a família é a principal mediadora da aprendizagem infantil, e é nela que a criança constrói seus primeiros vínculos com a aprendizagem.

A cooperação entre família e escola faz com que os espaços escolares deixem de ser considerados espaços onde os pais deixam seus filhos enquanto do trabalho, criando um espaço que favoreça aos primeiros passos de aprendizagem. É um processo de ação e refazer contínuo, onde a criança é o centro de sua educação.

Presume-se que o principal papel da Educação Infantil é o de propiciar as crianças o acesso a um universo amplo e diversificado. Daí, a importância de professores capacitados e capazes de assumir a responsabilidade de disseminar esse conhecimento cultural para esses pequenos que, agora ingressam em seu segundo grupo social, a escola.

Este estudo visa apresentar acerca da organização destes espaços escolares para a formação dos conhecimentos iniciais do aluno, conhecer um pouco sobre o processo de formação dos docentes para a etapa mais importante na formação dos futuros cidadãos, e dissertar um pouco sobre as diretrizes que norteiam a Educação Infantil, e de como é importante envolver a família no processo ensino-aprendizagem.

Vale destacar que o trabalho é relevante, dado que o papel da família na educação de seus filhos nesse processo, proporcionará as nossas crianças, com apoio de professores qualificados, um futuro melhor, que os garanta não viverem a margem da sociedade.

Após todas essas reflexões sobre as relações que permeiam a escola, indaga-se: de que forma a família e a escola trabalham para a aprendizagem das crianças da Educação Infantil?

Em vista disso, o objetivo geral do artigo é compreender de que maneira a família e a escola podem ser parceiras de forma a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem das crianças na Educação Infantil.

Com base nisso, os objetivos específicos são: analisar os principais obstáculos da escola na contemporaneidade; verificar a importância da relação família-escola; e apontar as possíveis contribuições da família na aprendizagem dos filhos.

É imprescindível que haja envolvimento entre ambas onde todos os sujeitos tenham oportunidade de expor as opiniões sendo provocados a colaborar num ciclo de relações harmoniosas, tomada de decisões conjuntas, com entendimento de que o espaço escolar é de todos e para todos.

É necessário que haja desejo de modificar a realidade escolar através da interação, autonomia e participação coletiva, especialmente na construção da proposta pedagógica da escola com diálogo e questionamentos fazendo com que a resolução dos problemas que envolvem o estabelecimento de ensino seja do interesse de todos. É partindo da reflexão conjunta que se sente forte para o enfrentamento dos desafios cotidianos. Por isso, a escola não pode mais agir de forma isolada. Precisa entender que outros segmentos fazem parte do contexto educacional.

Foi mediante as vivências que obtive no ambiente escolar no processo de ensino-aprendizagem de minha Educação Básica que me fez recordar alguns fatos que me motivaram à observação da necessidade dessa parceria entre a família e a escola. Acredito que tanto para academia quanto para sociedade será relevante essa pesquisa, pois a mesma poderá estimular a continuidade dessa parceria entre a família e a escola visando o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Quanto à metodologia do estudo, este artigo utilizará o método qualitativo. Em relação aos procedimentos técnicos será realizada a revisão bibliográfica. Trata-se de uma pesquisa exploratória, pois engloba levantamento bibliográfico, que estimula a compreensão sobre o assunto. Depois de feito o levantamento bibliográfico relevante ao tema, foi feita uma revisão dos artigos, e ao decorrer da pesquisa foi possível analisar o assunto dentro do universo pesquisado.

2. Referencial teórico

2.1. Obstáculos da escola atual no Brasil

O ensino no Brasil vem passando por transformações profundas onde as reformas nacionais e iniciativas estaduais, municipais e as próprias instituições

escolares estão alterando as práticas pedagógicas na tentativa de dar eficácia à escola, universalizar o seu acesso e obter a qualidade almejada há séculos.

Ao longo da história, é possível observar que a escola é fruto da ideologia de classes dominantes. Mas, ela também é importante local de convivência coletiva sendo espaço de troca de conhecimentos, socialização, cooperação, aprendizagens mútuas. De acordo com Galvão e Marques (2018), educação é uma parte do costume de como as comunidades vivem e que estão em constante mudanças por causa da cultura em que está inserida. O autor aborda diferentes definições de educação e comenta que ela pode acontecer em qualquer momento e em qualquer parte, ou seja, pode ocorrer também fora das instituições escolares.

Considerando que a educação formal é aquela que o ensino é sistematizado, com um currículo a ser seguido, uma metodologia e profissionais específicos, é que podemos dizer que isso ocorre nas instituições públicas e privadas (KLAUTAU; MACEDO; SINISCALCHI, 2021).

Na Constituição Federal do Brasil, no artigo 205 que a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família” (BRASIL, 1988). O texto indica que o Estado seria a escola pública, sendo ele responsável por ela (estrutura, docentes, profissionais da educação, vagas, matérias e etc) e que existe uma corresponsabilidade entre o Estado e as famílias com relação a educação básica escolar (RESENDE; SILVA, 2016).

É nisso que os profissionais que atuam nas instituições de ensino precisam se apegar, pois a escola é um lugar onde atuam diferentes pessoas e nela são exercidos múltiplos papéis, e, as famílias também participam dessa comunidade, mesmo de forma diferenciada, estão próximas e com interesses comuns: conhecimento, aprendizagem, educação de qualidade (GALVÃO; MARQUES, 2018).

Valendo-se dos obstáculos que dificultam a transformação da escola atual no Brasil, impedindo-a de ser interativa e se obter sucesso e responsabilidade compartilhada, entende-se que a atuação da família e comunidade nas unidades de ensino deve ser constante e democrática podendo ser a saída que tanto se procura encontrar.

Não obstante, de acordo com Bezerra et al. (2010), na realidade da maioria das escolas públicas brasileiras não é bem assim que acontece. Há um distanciamento entre a escola e a comunidade que reflete de forma negativa nos processos educacionais. Entretanto, orienta:

É preciso participar da vida escolar dos filhos e da escola. A contínua colaboração entre escola e os pais faz com que se tornem parceiros no processo educacional. A falta de comunicação entre a escola e os pais leva ao comprometimento do sucesso escolar (CODY; SIQUEIRA, 1997 *apud* BEZERRA et al., 2010, p. 287).

No entanto, a educação brasileira ainda não pode contar com essa parceria efetiva e tem muitos enfrentamentos para conquistar o apoio que necessita dos pais e da comunidade a fim de conseguir superar os obstáculos existentes, sendo que o fracasso escolar é o maior desafio que a escola vem enfrentando há décadas, conforme Bossa (2002) a qual afirma que o mesmo surgiu a partir da escolaridade obrigatória no século XIX devido às mudanças econômicas e estruturais da sociedade.

A pesquisadora se refere a tal insuficiência educacional como uma patologia que tomou lugar considerável nas preocupações e comportamentos de uma sociedade em que o poder pelo dinheiro e o sucesso social são valores predominantes, sendo assim, poucos se preocupam de fato em resolver esses problemas tão graves que vem afetando cada vez mais a educação no país, já que resolvê-los não é prioridade da maioria das autoridades.

De acordo com Picanço (2012), as consequências que levam ao fracasso escolar são inúmeras, começando pela história de vida do sujeito perpassando a estrutura familiar que, geralmente é determinante. Por isso, a responsabilidade por esse “fardo” não pode ser direcionada somente sobre o estudante.

Pereira (2006, p. 129) cita outros problemas que a escola pública vem enfrentando. A partir de suas pesquisas constatou que “(...) muitos professores se sentem intimidados pelo corpo docente-administrativo, devido às cobranças que vêm das secretarias de educação das redes de ensino que, muitas vezes, retalham os docentes que são os únicos responsabilizados pelo fracasso escolar”.

A pesquisadora, também constatou que a maioria das escolas brasileiras não conta com organizações favoráveis à integração familiar e comunitária, como é indicado neste trabalho, tais como Associação de Pais e Mestres (APM) e Grêmios Estudantis que são importantes instrumentos para a formação democrática, com papel relevante na garantia do entrosamento entre escola, família e comunidade.

Isso é um dos principais motivos pelo distanciamento dos familiares das instituições escolares que levam ao fracasso escolar, pois quando a família não acompanha a vida escolar dos filhos a educação torna-se deficiente.

Outro fator causador dos problemas da escola contemporânea é o fato de estarem despreparadas. A prova disso, conforme Pereira (2006) é o fato de Conselho Escolar existir em todas as instituições, porém, o mesmo funciona de forma deficitária sem a participação ativa da família e comunidade, tratando-se de um dado relevante, já que esse é o órgão responsável pela fiscalização das verbas federais destinadas às escolas públicas brasileiras. Sendo esse, também, um desafio a ser enfrentado pela escola.

A especialista destaca a indisciplina dos alunos como um desafio que também é gigantesco nas unidades de ensino. Em relação a essa questão específica ela afirma: “(...) alguns alunos rogam por uma maior disciplina na escola, pois, acreditam que essa é uma das formas de combater a violência interna e de se construir respeito e dignidade. Porém, a maior parte dos discentes a apresenta apatia e desinteresse” (PEREIRA, 2006, p. 140).

Diante desses pressupostos, constata-se que a escola atual precisa de um corpo docente bem preparado para enfrentar os desafios que são crescentes a cada ano que se passa.

Vive-se num tempo em que as ações escolares não devem estar isoladas. Necessitam compartilhar para melhorar e encontrar soluções para os inúmeros problemas assumindo decisões e responsabilidades de forma coletiva se organizando através do PPP bem elaborado, Conselho Escolar funcional, Associação de Pais e Mestres, reuniões de pais constantes, etc. Ou seja, fortalecendo-se perante as barreiras vivenciadas no cotidiano buscando meios para chegar a uma interação eficiente com a família e a comunidade.

2.2. A relação família-escola

Criar e educar filhos, designando-os para comportar-se corretamente e de acordo com o mundo agitado em que vivemos é uma tarefa tão exigente e desafiadora quanto prazerosa e recompensadora.

Sabendo que a espécie humana adquire aprendizado ao longo de sua vida, seja qual for o ambiente e seja qual for a situação, a ação da família torna-se fundamental nesse processo de aprendizado, pois é a família que irá definir, antes do nascimento da criança o que ela precisa aprender, os lugares em que deve ir e,

principalmente, escolher a escola certa, que possa atender aos interesses e expectativas (OLIVEIRA, 2014).

Essa preferência pela escola ideal dependerá da atenção dos pais com relação ao projeto político pedagógico e se este irá corresponder aos valores e pressupostos que mais se assemelham aos que a família prega, atitudes e opinião de mundo (SILVA, 2022).

O professor é o que desempenha o papel mais importante, ou seja, é ele que influencia mais no desenvolvimento do aluno. E a sociedade espera que, no final, essa criança seja autônoma, capaz de respeitar as diferenças, criativo, crítico e um cidadão consciente de suas responsabilidades e com habilidades cognitivas e bagagens curriculares.

Por isso, Santana (2018) diz que o docente deve considerar ter uma relação professor-aluno boa, entender como se dá a origem do comportamento da criança e o seu desenvolvimento emocional, observar bem as reações dos estudantes, perceber suas dificuldades e ajudá-los a superá-las. Sendo assim, o autor fala que o docente precisa estudar sobre as teorias de desenvolvimento e aprendizagem, não deixando, é claro, de suprir a maior necessidade da criança que é o amor. Sabendo do papel muito importante que o professor exerce no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, o autor compreende que a escola deve ter ciência de suas incumbências e exercer com competência. Procurando incentivar, alertar e conceder oportunidades para a participação da família durante a vida escolar do aluno.

A família e a escola são a base e a confirmação de que as pessoas precisam para se sentir seguras. Quando melhor for a harmonia entre ambas, melhores serão os resultados na formação da criança. Um envolvimento constante e consistente, vida familiar e escolar andam de mãos dadas. Cabe, portanto, aos pais e à escola a grande tarefa de transformar a criança, ainda imatura e sem competência, em um cidadão maduro, ativo e consciente de seus direitos e deveres. De acordo com Libâneo,

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporcionar um melhor conhecimento dos objetivos e metas, da estrutura organizacional e de sua dinâmica das relações da escola com a comunidade, e favorece uma aproximação maior entre professores, alunos e pais (LIBÂNEO, 2021, p. 102)

O primeiro contato com as pessoas e a primeira comunidade que a criança vive desde o nascimento é a família. É bom que assim que a criança expresse suas prioridades, suas vontades e suas diferenças individuais, a família exponha para esta os seus costumes, suas regras, seu modo de viver, para que assim a criança denote como atuar e passe a aprender por si mesma.

Desde cedo, a família precisa transmitir aos filhos valores como a moral, ética, solidariedade, cidadania, respeito ao próximo, convivência com regras, enfim, procedimentos que torne essa criança um adulto flexível, capaz de solucionar problemas, e estar aberto ao diálogo e às transformações (SILVA, 2022).

Para Vasconcellos (2012), há uma tendência de se transferir os problemas decorrentes do relacionamento escolar para a família e este, para a escola. É o chamado jogo do “empurra-empurra”, onde escola e família sempre buscam um culpado para as situações negativas ocorridas no contexto familiar e escolar. Este jogo provoca, nas duas partes, reações afetivas de ataque e de defesa.

É necessária que cada uma, escola e família, estando devidamente articuladas, assumam cada qual sua responsabilidade dentro de uma visão da totalidade. Numa perspectiva democrática de organização escolar, a participação de todos os segmentos da comunidade escolar é fundamental. De um lado, a equipe educacional deve aperfeiçoar sua competência, fundamentando de modo científico suas práticas para realizar as mudanças necessárias. Por outro lado, a conscientização dos pais com relação às mudanças na proposta e na prática pedagógica deve ser feita logo no início do ano, mostrando-lhes o quão benéfico elas são ao processo educativo de seus filhos.

A qualidade da Educação Infantil está, cada vez mais associada à colaboração entre família e escolar. Estabelecer e administrar canais de comunicação, ouvir e respeitar as opiniões dos pais faz parte do trabalho de apoio mútuo na construção e formação dos alunos.

As pessoas que cuidam das crianças em casa geralmente são familiares e possuem vínculos afetivos que lhes imponham obrigações especiais, assim como são educadores, mas muitas vezes apenas mantêm a obrigação. Daí a importância de unir família e escola, completando a formação do caráter e a educação das crianças, e por isso considera-se tão importante a participação dos pais na educação dos filhos deve ser uma constante (SILVA, 2022).

Apesar das transformações por qual transpassam as instituições familiares, esta continua a ser a primeira e principal fonte de influência no comportamento, nos sentimentos e na qualidade de vida da criança. Cabe à família entender que a criança precisa de liberdade, mas não consegue ainda avaliar o que é melhor ou pior para si. Cabe a família dar o apoio que esta pede e que, infelizmente, nem todas têm.

2.3. O acompanhamento e influência familiar no processo de ensino-aprendizagem da criança

Há alguns anos atrás era comum atribuir à criança, o resultado por seu fracasso escolar. Atualmente, todavia, já se percebe que há uma interferência enorme relacionada com contextos sociais e familiares, ou seja, a família também pode ser responsável por este insucesso na escola.

De acordo com Sant'Anna e Pirola (2021), instrumentalizar uma criança para o exercício pleno de sua cidadania é, antes de tudo, localizá-la em seu contexto sócio afetivo e essa tarefa inicia-se, essencialmente, em casa e é reelaborada pela escola. Logo a relação família e escola dependem, fundamentalmente, do clima estabelecido entre os mesmos, da relação empática, da capacidade de ambos de ouvir, refletir e discutir. Faz-se necessário criar uma ponte onde ambos busquem a educação para mudanças, autonomia para a liberdade de expressão, trabalhando o lado positivo tanto da família quanto da escola, para a formação de cidadãos conscientes de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

No decorrer do tempo houve várias quebras nessa questão da formação e do contexto familiares, já mencionados, mas também podemos verificar nos dados relatados em revistas e documentários, uma real significância, na importância dada a educação dos filhos, seja de famílias regulares ou desestruturadas.

O nível de conversa entre pais e filhos em casa parece ser restrito, tanto com relação ao tempo que permanecem juntos como na qualidade do que se é conversado. As creches, por sua vez, pouco contribuem na dinamização de eventos e no desenvolver de atividades, para casa, que favoreçam e estimulem a relação entre pais e crianças (SANTANA, 2018).

Também é muito notório que os pais não têm interesse em assumir muitas responsabilidades, já que estes não passam muito tempo com os filhos, por que chegam tarde e cansados do trabalho.

Mas entende-se que é de responsabilidade das instituições de ensino infantil informar aos pais de seus deveres, enquanto pais, na educação de seus filhos e aconselhar as metodologias corretas para ajudarem suas crianças no seu desenvolvimento e crescimento, completando desta forma o trabalho feito na creche, pelos professores. Quando pais não participam plenamente do trabalho já iniciado pelos professores desvaloriza o trabalho dos mesmos, o que pode gerar além da ausência dos pais na educação dos filhos a dos professores.

É decisiva a participação da família no amadurecimento das articulações ensinadas na escola. Para tal, a instituição precisa receber uma criança relativamente em condições maturacionais para viver e criar o seu processo social. A família é quem dá identidade, código moral e estruturas de comportamento que irão dar suporte ao convívio com diferentes filosofias (VYGOTSKY, 2007).

Uma criança que traz em si mesma a marca de uma família equilibrada, facilitará e muito o aprimoramento que a escola dará na formação de um indivíduo decente.

3. Metodologia

A metodologia aplicada para este trabalho baseou-se em pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, pois visa demonstrar a importância da relação família e escola para o aprendizado das crianças, objeto de estudo deste artigo.

Percebe-se que a pesquisa por descrever práticas e metodologias de determinadas circunstâncias é descritiva porque segundo Silva e Menezes (2001) a pesquisa descritiva pretende apresentar particularidades estabelecidas a uma comunidade ou fato ou uma organização de conexões a meio de aspectos. Inclui o uso de mecanismos convencionais de coleta de dados: questionamento e análise metódica. atribui-se na maior parte dos casos o formato de pesquisa.

Entende-se que que a pesquisa pode ser considerada como qualitativa pela forma que é conduzida segundo Silva e Menezes (2001) a investigação qualitativa acredita que existe uma conexão entre a realidade e o indivíduo, melhor dizendo, uma associação inseparável que não se pode explicar em cálculo. A compreensão dos acontecimentos e privilégios de conteúdos que são importantes no seguimento

qualitativo não requisita do uso de mecanismos e procedimentos estatísticos. O ambiente nativo é a nascente direta para a arrecadação de informações tendo como principal componente o pesquisador.

Compreende-se que a pesquisa é bibliográfica pois segundo Fonseca (2002) é feita por investigação de informações técnicas já avaliadas e divulgadas por mecanismos escritos, técnicos, sites e livros. Seja qual for o trabalho tecnológico começa com uma verificação bibliográfica. E também acham-se pesquisa específica que consiste somente na pesquisa bibliográfica. Como aporte teórico, será apresentada as concepções de diversos autores, dentre eles: Vygotsky (2007), Dantas (2019), Libâneo (2021), Oliveira (2018) e Freire (2019).

4. Resultados obtidos

A família é a primeira instituição que a criança conhece, é onde ocorrem as primeiras experiências e as primeiras interações com o meio. Knobel (1996 *apud* Wieczorkiewicz e Baade (2020, p. 17) afirmam que, “a família é um dos grupos primários e naturais de nossa sociedade, nos quais o ser humano vive e consegue se desenvolver”. Corroborando ao exposto, Vygotsky *apud* Oliveira (2018), nos mostra que:

O desenvolvimento do indivíduo não nasce com a criança e nem está o recebe pronto do meio em que vive, ou seja, o desenvolvimento seria uma combinação, em que a criança desenvolve seu interior a partir de suas experiências exteriores, para que, conseqüentemente, comece a compreender o universo em que vive (VYGOTSKY *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 53).

A família é a base para a vida da criança. Diz um provérbio chinês que “a mais alta das torres começa no solo”. Isto leva-nos a analisar a família como influência para o desenvolvimento global da criança. Para Portes (2000, p. 21) “é na família que o indivíduo irá buscar energia, sustentação para enfrentar situações difíceis de serem vivenciadas”.

A presença da família na vida escolar das crianças representa um sustentáculo para sua formação, pois é nessa etapa que acontece às transformações, descobertas e as primeiras experiências no mundo escolar. Ainda, Vygotsky (2007), afirma que o desenvolvimento da criança acontece a partir das constantes interações com o meio social em que vive através da aprendizagem. Concordando ao exposto, Szymanski (2009) acrescenta que:

Na família a criança depara-se com os primeiros “outros” e por meio deles aprende os modos humanos de existir. Com base na subjetividade ela se constitui como sujeito e, assim são os primeiros referenciais que influenciarão na sua identidade pessoal (SZYMANSKI, 2009, p. 18).

A família antes da escola é o principal agente de formação e esta deve estar inserida na escola, na vida escolar das crianças, de maneira que essa participação seja favorável ao rendimento do aluno, ao seu desenvolvimento tanto intelectual quanto social e psíquico.

A família é o primeiro grupo com o qual a pessoa convive e seus membros são exemplos para a vida. No que diz respeito à Educação, se essas pessoas demonstrarem curiosidade em relação ao que acontece em sala de aula e reforçarem a importância do que está sendo aprendido, estarão dando uma enorme contribuição para o sucesso da aprendizagem (SZYMANSKI, 2009, p. 18).

Brandão (1993) também nos mostra que não há uma forma única nem um modelo de educação, e o ensino escolar não é a sua única prática e o professor não é o seu único praticante. Isto torna-nos clara a certeza de que a educação não é praticada apenas na escola e que a família tem um papel essencial na vida do aluno, pois é dentro de casa que a criança aprende a conviver em comunidade, a se tornar um ser social e a respeitar normas.

Antes de entrar na escola, a criança já possui conhecimento prévio, ela traz de casa valores, experiências, emoções e sentimentos. Tudo o que é transmitido à criança desde o ventre materno é absorvido pela mesma. Por isso, cabem aos pais transmitirem uma educação de qualidade, uma base sólida dentro de seus lares e contribuir positivamente com os processos escolares.

A criança que recebe apoio, orientação, compreensão, atenção e dedicação da família, certamente se mostra mais comprometida, dedicada, organizada, carinhosa, demonstra afeto ao próximo etc. e encontrará em sua vida futura maior facilidade no desenvolvimento de suas aptidões. Infelizmente, não podemos encontrar esses mesmos aspectos em crianças que não recebem de suas famílias o apoio de que necessitam.

Acredita-se que, quanto maior for a parceria da escola com a família e a contribuição desta para com o processo educativo, mais positivo e satisfatório serão os resultados para a formação da criança da educação infantil. Althouon (1999, p. 50), ressalta que “os pais não podem delegar responsabilidade única e exclusivamente para a escola, e a escola não pode eximir-se de ser corresponsável no processo

formativo do aluno”. Libâneo (2018) complementa que a pedagogia familiar não deve estar desarticulada da pedagogia escolar.

A vida escolar e familiar deve se complementar, pois a participação da família na escola em reuniões e conversas com a professora, informações cotidianas na entrada ou na saída, informações por escrito na agenda e recados, participação de festas, atividades recreativas na escola e no desenvolvimento de tarefas escolares e estimulando a escolarização dos filhos desde pequenos, sem dúvida aproxima cada vez mais o aluno da escola, lhes proporcionando incentivos, pois a presença da família com atitudes e hábitos influencia a criança positivamente.

A escola não pode ser a única responsável pelos processos do desenvolvimento infantil. Portanto, a criança depende do adulto, do professor como mediador na escola e dos pais dentro de casa. Deve existir uma instabilidade entre a instituição familiar e escolar, pois ambas são agentes formadores. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão (SZYMANSKI, 2009).

A afetividade é a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. Os componentes afetivos são muito dinâmicos e participam de toda a vida mental, fazendo determinar as atitudes de aceitação ou rejeição em face de uma experiência, que favorece ou inibe certas tendências, interferindo com os processos associativos, com a clareza da consciência, com o conteúdo do pensamento, em toda a atividade do homem. Ela é um dos principais elementos do desenvolvimento humano.

Fazendo uma reflexão sobre a afetividade no processo de aprendizagem, percebe-se como este tema não é discutido nas rodas educacionais. A questão é que muitos educadores pensam que só o conhecimento é que importa, deixando de lado as questões afetivas. As consequências dessa prática, especialmente na educação infantil, período em que se vivenciam as maiores experiências de interação e trocas entre os alunos, podem ser danosas para o desenvolvimento cognitivo, ideia essa que Wallon já defendia. Sendo assim, é importante que o professor planeje e proporcione atividades e brincadeiras para seus alunos, fazendo com que se sintam bem, queiram brincar e, ao mesmo tempo, aprender.

A afetividade é essencial na relação professor e aluno, para que haja o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos físicos, psicológicos, cognitivos e social. Ela é, portanto, uma aliada na formação da criança e está diretamente ligada

à forma pela qual se resolvem os conflitos e se estabelecem os limites, além da melhora de autoestima dos alunos e receptividade do ensino por parte dos mesmos.

A atividade docente exige mais do que ter competência, pois requer que se trabalhe não só os conteúdos, mas também as relações humanas. Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 2019, p. 146).

A relação afetiva entre aluno e professor colabora no desenvolvimento de atitudes positivas, em relação a sua autoestima e desenvolvimento tanto intelectual como social. Falar em afetividade é acreditar em uma educação que valoriza o relacionamento em sala de aula, sabendo que esta contribui para o funcionamento de uma sociedade mais justa, ajudando a construir relações de respeito, compreensão, por isso precisamos valorizar os saberes cognitivos e afetivos, a ética e os valores tão necessários à nossa sociedade.

Existem divergências quanto à definição de um conceito para os fenômenos afetivos. Encontra-se, em algumas literaturas, a utilização dos termos emoção, afeto e sentimentos aparentemente como sinônimos, mas não são. As emoções assim como os sentimentos e os desejos são manifestações da vida afetiva. Entretanto, o termo emoção encontra-se relacionado ao componente fisiológico do comportamento humano, referindo-se a uma reação de ordem física. Já a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, refere-se às vivências dos indivíduos de acordo com seu desenvolvimento (BEZERRA et al., 2010).

Para Wallon (2007), no meio fisiológico é que se deve buscar o significado das emoções. A emoção fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os seres humanos, o da mãe com seu bebê. Essa ligação é que garante a sobrevivência dessa criança, pois é através das suas expressões emocionais e de seus estados afetivos de bem e mal-estar que ela se comunica com a mãe que supre suas necessidades, fazendo com que nesse período a emoção é muito superior ao aspecto cognitivo e a afetividade é uma mera reação fisiológica da emoção. Por isso Dantas (2019, p. 92) expõe a mesma ideia, ao apontar que “daí a afirmação walloniana de que a inteligência não se dissociou ainda da afetividade, cuja consequência inevitável é que, neste momento, estimular a primeira equivale a nutrir à segunda”. Uma criança que é amada desenvolve com mais facilidade as suas potencialidades pessoais.

A afetividade desempenha um papel fundamental na nossa vida, como no processo de aprendizagem e desenvolvimento de conhecimentos na criança. É neste contexto que entra o papel do professor, sendo que, trabalhar com crianças requer sensibilidade do educador e uma investigação de como a criança aprende, analisando assim as habilidades e dificuldades de cada uma delas. O educador deve construir um perfil da turma, para conhecer os alunos e saber por onde começar seus trabalhos, partindo da realidade de cada um.

Discutir a capacidade do aluno, elogiar seu trabalho, reconhecer seu esforço e motivá-lo sempre, são formas de despertar seu interesse pela aprendizagem, porém desta forma se sentira incluído no grupo, perceberá que suas atitudes são reconhecidas e haverá um rendimento escolar.

O educador não precisa gostar de todos da mesma maneira só porque é professor, mas deve manifestar o interesse pelos sentimentos e pela vida da criança, bem como oferecer oportunidades para a própria criança se expressar, dessa forma auxilia na construção de um ser autêntico e seguro. Quando esse processo de valorização das necessidades emocionais e psicológicas não se dá, está-se reproduzindo ou criando uma sociedade que não valoriza as pessoas.

Busca-se, portanto, ações pedagógicas que visam à formação do indivíduo cooperativo, criativo, crítico, capazes de atuarem de modo transformador na sociedade, em outras palavras, um elemento importante que contribui para a educação precisa ser estimulado: a interação social que é resultada da cooperação.

Uma das formas de ensinar criativamente é incentivar a curiosidade da criança por aquilo que se relaciona com o seu mundo, encorajá-la a expressar-se espontaneamente, pois necessita aprender a valorizar suas ideias e percepções e confiar nelas. O professor é reservado ao papel de dialogar, de entrar no novo conhecimento junto com os alunos e não ser um mero transmissor do velho.

O aluno entra na escola e carrega com si uma bagagem cultural muito grande e variada, o professor que não acompanhar a esse processo será ultrapassado por seus próprios alunos. Perdeu-se a ideia de que o aluno só sabe por que alguém lhe ensinou, ele mesmo busca seu conhecimento. Inserido nesse mundo de constantes mudanças, precisa ter fundamentação teórica e deve manter-se sempre atualizado por meio de cursos, palestras e leituras em livros, para assim construir uma prática pedagógica.

O educador que trabalha com a criatividade precisa conhecer a forma como cada um de seus alunos aprende, de como esse processo se dá considerando a individualidade de cada educando. Como mediador e facilitador da aprendizagem, o educador pode auxiliar o educando a aprender. Na aprendizagem há alguns princípios a serem observados e respeitados: toda aprendizagem exige ser significativa, precisa envolver o aprendiz como pessoa inteira, o processo de aprendizagem é individual, ninguém aprende pelo outro, deve ter objetivos reais, ou seja, ser embasada em um bom relacionamento interpessoal.

A aprendizagem ocorre de forma individual, já a educação para acontecer, requer a vida social, o trabalho em grupo. Na sala de aula a educação resulta da convivência social dos alunos entre si e com o professor. Para se ter educação é necessário que o professor trabalhe em conjunto com os alunos, tem-se então uma educação para a realidade com responsabilidade. É o diálogo que possibilita a educação para a liberdade e a formação de pessoas capazes de participarem criticamente na construção de um mundo mais justo, como sujeitos de sua história.

Pode-se dizer que o corpo é a vitrine que expõe as emoções através das atividades tônicas. Cada emoção vivenciada pelo indivíduo causa alterações físicas como riso, taquicardia, choro, sudorese, tremor entre outras sensações, que acontecem de forma mais ou menos intempestiva. A alegria, o medo, a raiva ou a tristeza e os sentimentos mais profundos ganham função relevante na relação da criança com o meio.

A emoção traz consigo a tendência para reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo; nesse sentido, ela é regressiva. Mas a qualidade final do comportamento do qual está na origem dependerá da capacidade cortical para retomar o controle da situação. Se ele for bem-sucedido, soluções inteligentes serão mais facilmente encontradas, e neste caso a emoção, embora, sem dúvida, não desapareça completamente (isto significaria atingir um estado não emocional, o que não existe, já que para Wallon, a afetividade é componente permanente da ação, e se deve entender como emocional também um estado de serenidade), se reduzirá (DANTAS, 2019, p. 88).

Segundo o autor, esses elementos dão condições para ativação ou redução da afetividade e que a mesma mantém uma relação antagônica com a atividade cognitiva.

A compreensão das emoções e os sentimentos são essenciais no entendimento da afetividade. Emoções causam efeitos intensos e imediatos no organismo e compõem a vida afetiva do ser humano. Houve-se muito em nossa

cultura que se deve ser mais racional a ser emocional, que as atitudes movidas pelas emoções não são atitudes inteligentes.

Segundo Arantes (2004), na trajetória humana em busca do conhecimento, muitos pensadores e filósofos optaram pela ideia da dissociação entre razão e emoção. Na história da psicologia, o cenário parece não ser muito diferente. Por influência da filosofia, de onde surgiram muitas décadas as teorias psicológicas estudaram separadamente os processos cognitivos e afetivos. Tal separação parece ter nos conduzido a uma visão parcial e distorcida da realidade, com reflexos no modelo educacional vigente.

Embora se trabalhe para uma educação de qualidade onde desde a educação infantil existe a preocupação das relações sociais, sendo considerada uma área de formação humana, porém para Cury, “a educação moderna está em crise, porque não é humanizada, separa o pensador do conhecimento, o professor da matéria, o aluno da escola, enfim separa o sujeito do objeto” (CURY, 2006, p. 139).

O importante é entender que no decorrer de todo o processo de desenvolvimento a afetividade funciona como uma força que impulsiona as ações, ficando claro, no caso da escola, a importância da relação entre professor e aluno, de modo que ambos convivam em um ambiente de harmonia, e que a aprendizagem assim, possa fluir com mais facilidade, havendo maior rendimento e maior interação entre ambos.

O sentimento dirige a conduta ao atribuir um valor aos seus fins (...). A afetividade é caracterizada por suas composições energéticas, com cargas distribuídas sobre um objeto ou um outro segundo as ligações positivas ou negativas. O que caracteriza, pelo contrário, o aspecto cognitivo das condutas é a sua estrutura (PIAGET *apud* SALTINI, 2002, p. 13).

O papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência, ela é a fonte de energia que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ao pesquisar o comportamento, ele levou em consideração às fases de desenvolvimento da criança, para explicar o desenvolvimento afetivo no processo de aprendizagem, na relação conflitante entre professor e aluno.

Assim, para que a aprendizagem aconteça é necessário que se institua em um ambiente onde o ajustamento afetivo seja a condição primordial. Portanto, a criança deverá sentir-se segura, acolhida e protegida por todos envolvidos no seu processo de aprendizagem, e para tanto é necessário que a família, comunidade e escola estejam sempre presentes. É, portanto, a partir das interpretações dos

adultos que os gestos da criança ganham significado. As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade.

5. Conclusão

Evidenciou-se após a realização de toda revisão bibliográfica apresentada e os resultados obtidos, o quão é importante e benéfica à relação entre família e escola no processo de ensino e aprendizagem da criança. Tanto a família quanto a escola são referenciais que embasam o bom desempenho escolar, portanto, quanto melhor for o relacionamento entre estas duas instituições mais positivo será esse desempenho. Destarte, a participação da família na educação formal dos filhos precisa ser constante e consciente, pois vida familiar e vida escolar se complementam. Com base nos depoimentos de pais e professores acreditamos que o desempenho escolar das crianças melhorará a partir do bom relacionamento entre família e escola.

Entretanto, atualmente esse conceito vem sendo ampliado e pode-se entender por família um grupo de pessoas que moram na mesma casa, mantendo-se vinculados por um relacionamento afetivo ou pelo grau de parentesco, pois muitas crianças e adolescentes são criados por avós, tios e demais parentes.

Nesse contexto, a escola enquanto um sistema de ensino que tem por objetivo capacitar e preparar os estudantes para exercer o papel de cidadãos, também está sendo influenciada pelas transformações políticas, sociais e familiares. Sendo assim, esta pesquisa buscou detectar os principais problemas que vem levando ao fracasso escolar partindo de um breve histórico da escola pública brasileira onde se averiguou que o Brasil, de fato, nunca priorizou a educação.

A presença e participação dos pais na escola possibilita uma melhor relação deles com os professores e fortalece mais ainda a relação entre professor e aluno, que é de fundamental importância para seu desenvolvimento e aprendizagem no ambiente escolar. Assim, os pais cumprem o seu papel de envolver-se com a escola e participarem diretamente da educação de seus filhos, dando continuidade em casa ao trabalho realizado pela escola e, por sua vez, a escola continua na busca de criar.

Conclui-se que a família, em consonância com a escola e vice-versa, são peças fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança e conseqüentemente são pilares imprescindíveis no desempenho escolar. Entretanto, para conhecer a

família é necessário que a escola abra suas portas, intensificando e garantindo sua permanência.

Para continuidade do tema, sugere-se que futuras pesquisas possam continuar investigando acerca da atuação dos profissionais da escola e suas relações com a família e as parcerias entre escola, família e comunidade, com o entendimento de que esse é o caminho capaz de contribuir verdadeiramente para a melhoria educacional almejada.

6. Referências

ALTHUON, Beate. **Família e Escola: Uma parceria possível?** Revista Pedagógica PÁTIO: Comunidade e Escola – A integração Necessária. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade e Cognição: rompendo a dicotomia na educação.** Editora Mandruvá, 2004. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>> Acesso em 08 nov. 2022.

BEZERRA, Zedeki Fiel et al. Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 279-291, maio/ago. 2010.

BOSSA, N. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextase, 2006.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon.** In: DE LA TAILLE, et al. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 68 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GALVÃO, Joana; MARQUES, Ramiro. Como envolver os pais nas práticas educativas na Educação Pré-Escolar e ensino do 1º ciclo do Ensino Básico? **Revista da UIIPS**, Santarém, v. 6, n. 1, p. 37-46, 2018.

KLAUTAU, Perla; MACEDO, Maria Manuela Dias Ramos de; SINISCALCHI, Marcella. Juventude e Desamparo: relato de uma pesquisa intervenção. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e109164, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola.** 6 ed. São Paulo: Heccus, 2021.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2018.

OLIVEIRA, Jorge dos Santos. **O papel da família na vida escolar dos filhos.** 2014. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Pará, Marabá, 2014.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de Oliveira. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2018.

PEREIRA, Luiz. **A Escola numa área metropolitana: crise e racionalização de uma empresa pública de serviços.** São Paulo: Pioneira, 2006.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem.** 2012. 152f. Relatório de Mestrado (Supervisão Pedagógica) - Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012.

PORTES, E. A. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M.A; ROMANELLI, G. Zago, N. (Orgs). **Família e escola: trajetória da escolarização em camadas médias e populares.** Vozes. Petrópolis, 2000.

RESENDE, Tânia de Freitas; SILVA, Gisele Ferreira. A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988-2014). **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, v. 24, n. 90. Jan./fev. 2016.

SALTINI, Cláudio João Paulo. **Afetividade e inteligência: A emoção na Educação.** 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANT'ANNA, Tatiane Keila de Moura; PIROLA, Luciana Teles Moura. Tarefa de casa como ação educativa: uma relação entre a escola, o aluno e a família. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, n. 10, p. 44-63, jun. 2021.

SANTANA, Judirlene da Luz. **Família - Escola: um olhar sobre a participação da família no contexto da EMEF Waldir Ribeiro de Almeida em Novo Repartimento – PA.** 2018. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Pará, Novo Repartimento, 2018.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Nadieje Maria Soares da. A Importância da educação infantil e a participação da família no desenvolvimento da aprendizagem. **Interritórios**, Revista de Educação, Caruaru, v. 8, n. 16, 2022.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Liber Livro, 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora.** São Paulo: Libertad, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WIECZORKIEWICZ, Alessandra Krauss; BAADE, Joel Haroldo. Família e escola como instituições sociais fundamentais no processo de socialização e preparação

para a vivência em sociedade. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 20, 2 de junho de 2020.